

ÁREA DE PROJECTO, ESPAÇO PARA O DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS NO ENSINO BÁSICO?

Maria Ivone Gaspar¹ & Maria Alice Frade²

¹Universidade Aberta, Departamento de Educação e Ensino a Distância, Lisboa, Portugal
migaspar@univ-ab.pt

²Estudante do Mestrado em Supervisão Pedagógica Universidade Aberta
Departamento de Educação e Ensino a Distância, Lisboa, Portugal
mafrade1820@gmail.com

Resumo

Diversos projectos foram sendo ensaiados nas últimas duas décadas; acontece que não tem sido fácil desenvolver a investigação necessária à percepção da sua qualidade e à identificação dos seus resultados.

Perante esta lacuna, decidimos conceber um projecto de investigação no pressuposto do currículo flexível, para aprendizagens não formais, entendidas como facilitadoras do ‘aprender a aprender’, ‘aprender a partilhar’ e ‘aprender a fazer’, enfatizando o desenvolvimento de competências. Emerge, assim, a Área de Projecto que coloca o enfoque na transversalidade de saberes. Importa conhecer as linhas norteadoras da sua operacionalização, em paralelo com os constrangimentos ou potencialidades a inferir ou a constatar. Este é o primeiro passo no estudo em realização que tem como alvo o trabalho desenvolvido em **Área de Projecto** no Ensino Básico. Pressupõe retratar perspectivas, verificar contributos efectivos, perceber desafios e lançar ideias com vista à promoção de aprendizagens que se mobilizem para a acção, tornando-se em verdadeiras competências.

1. Nota Introdutória

Vivemos numa sociedade em mudança, e se tudo muda também a Escola tem que forçosamente acompanhar esse dinamismo. Numa tentativa de dar resposta ao divórcio que existia e continua infelizmente a existir, entre a escola que temos e a escola que precisamos e porque em Educação *a tarefa científica que precede todas as outras é a determinação do currículo* (Bobbitt [1.^a edição em 1918] 2004:73), no final do século XX tomou forma um projecto-piloto inovador denominado Gestão Flexível do Currículo¹, projecto esse, que antecedeu a Reorganização Curricular² que tem vindo a ser implementada desde 2001.

Este projecto veio implicar uma nova concepção de currículo, mais abrangente e integradora; assume-se como projecto valorizando não só a aprendizagem formal mas também a aprendizagem não formal e enfatiza o desenvolvimento de competências³ (gerais, transversais e essenciais).

Outra das linhas marcantes da Gestão Flexível do Currículo e posteriormente da reorganização curricular prende-se com a promoção do trabalho colaborativo⁴, do estudo autónomo, da

valorização da avaliação formativa, da interdisciplinaridade e transversalidade⁵. Conduz, portanto, ao repensar o papel do professor e do aluno no processo ensino - aprendizagem.

(Apple, 1997; Carrilho Ribeiro, 1990) afirmaram que o Currículo é um conceito passível de múltiplas interpretações no que ao seu conteúdo se refere e quanto aos inúmeros modos e variadas perspectivas acerca da sua construção e desenvolvimento. Esta definição revela a polissemia de um conceito que está no cerne do nosso projecto e cujo significado pretendemos limitar com o seu desenvolvimento.

2. O Projecto

Partindo do princípio que o currículo se associa à necessidade de estabelecer/organizar/garantir, de forma estável e sistemática, um conjunto de aprendizagens pretendidas, desejadas ou ocorridas, devemos também associar o desenvolvimento curricular à dimensão processual e dinâmica, que permite construir esse currículo e operar a ligação que ele pressupõe entre intencionalidade e prática. Nesta perspectiva, o conceito central, estruturador de um processo de desenvolvimento curricular, é a sua orientação estratégica, isto é, a organização de um percurso de ensino e aprendizagem, orientado por finalidades curriculares claras, que seja pensado como o mais adequado à população de alunos em causa, de modo a que efectivamente se apropriem dos saberes e se tornem competentes nas diferentes áreas curriculares.

Na figura 1 explicitamos as implicações da ‘gestão flexível do currículo’, no pressuposto da sua relação com o projecto que temos em desenvolvimento.

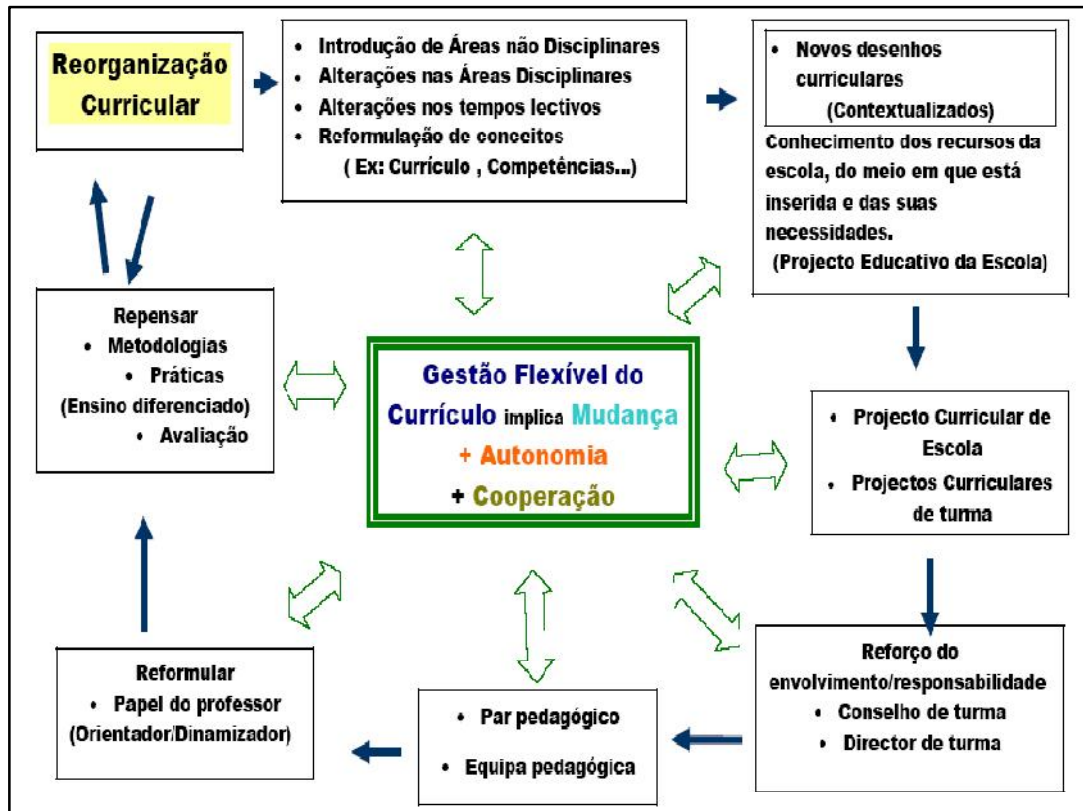


Fig. 1 – Gestão flexível do currículo /Reorganização curricular

A reorganização curricular é marcada pela introdução de novas áreas curriculares não disciplinares⁶; por alterações em áreas curriculares⁷; pela introdução do conceito de sequencialidade disciplinar ao longo do ciclo; pela reorganização⁸ e flexibilização do tempo escolar; por uma nova concepção de ensino que se centra no aprender a aprender, no desenvolvimento de competências⁹ e numa educação para valores.

O desenho curricular co-responsabiliza a escola que deverá contextualizá-lo. Para tal, é premente conhecer os recursos¹⁰ que a escola dispõe, conhecer o seu meio envolvente, o seu público-alvo de forma a identificar os seus problemas/ necessidades com o objectivo de traçar as áreas prioritárias onde se deverá intervir. Estes são elementos importantes para fundamentar o Projecto Educativo da Escola que, tendo por base o currículo nacional, integra as especificidades regionais/locais. Em ordem a operacionalizar o Projecto Curricular de Escola surgem os vários Projectos Curriculares de turma da responsabilidade do Conselho de Turma e coordenado pelo director de turma.

Verifica-se pois um reforço do papel do Conselho de Turma e da figura do Director de Turma. Todo o trabalho desenvolvido pressupõe um espírito de real cooperação e partilha. Estas características são também essenciais para o bom funcionamento do par pedagógico introduzido

em duas das áreas curriculares não disciplinares a saber: **Área de Projecto** e Estudo Acompanhado.

Parece estar presente a necessidade de repensar o papel do professor, as metodologias e práticas que utiliza, na prossecução de um objectivo prioritário: o sucesso educativo dos alunos.

Com a gestão flexível do currículo e a reorganização curricular surgem também alterações significativas no sistema de avaliação dos alunos¹¹, na diferenciação curricular, nos programas, sendo as mais significativas, para o Ensino Básico, a introdução da abordagem por competências e a regulação das actividades de enriquecimento curricular¹².

Este estudo centra-se no campo do Currículo, direccionando-se para a dimensão conceptual do currículo e, mais propriamente, para a composição curricular. No pressuposto de que a composição do currículo tem como uma das linhas orientadoras a divisão em áreas, opta por uma dessas áreas; focalizando-se investigação em referência nas áreas curriculares não disciplinares, das quais elegeu a **Área de Projecto**. Enquadra-se em orientações de natureza macro, meso e micro; ao privilegiar as orientações de natureza micro, impõe particular atenção ao desenho da dimensão empírica. Assim o estudo terá como alvo o trabalho desenvolvido nesta Área por alunos, professores e outros agentes que assumem funções de lideranças, tendo como suporte teórico, além da bibliografia adequada, a legislação produzida para o efeito, as orientações explícitas de modos diversos e as opções tomadas pelos vários agentes que conduziram a aplicações práticas.

Incide em duas escolas do segundo ciclo do ensino Básico que apresentam contextos/envolvências diferentes de aprendizagem, mais concretamente em seis turmas do sexto ano do Ensino Básico. As tabelas e gráficos que se apresentam a seguir discriminam a amostra sobre a qual incide o estudo em referência.

Categorias/classes	Frequência absoluta	Frequência relativa	Frequência relativa válida	Frequência relativa acumulada
Alunos	153	84,1	84,1	84,1
Professor	29	15,9	15,9	100,0
Total	182	100,0	100,0	

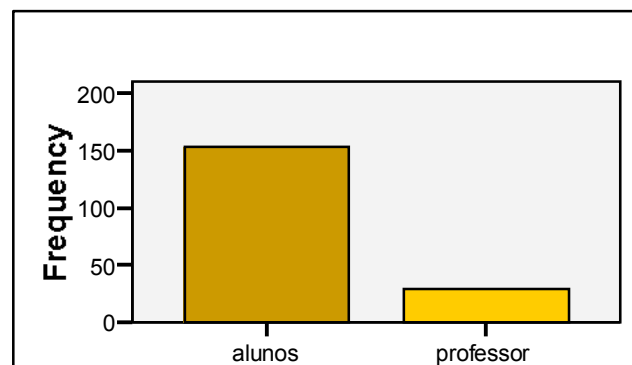


Fig. 2-Número de alunos e professores inquiridos

Categorias/classes	Frequência absoluta	Frequência relativa	Frequência relativa válida	Frequência relativa acumulada
Privada	90	49,5	49,5	49,5
Oficial	92	50,5	50,5	100,0
Total	182	100,0	100,0	

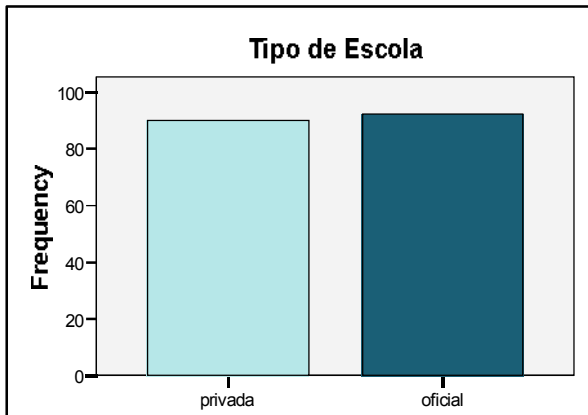


Fig. 3– Número de alunos e professores inquiridos na Escola Privada e na Escola Oficial

Categorias/ classes	Frequência absoluta	Frequência relativa	Frequência relativa válida	Frequência relativa acumulada
Privada J	32	17,6	17,6	17,6
Privada L	27	14,8	14,8	32,4
Privada T	31	17,0	17,0	49,5
Oficial J	33	18,1	18,1	67,6
Oficial L	28	15,4	15,4	83,0
Oficial T	31	17,0	17,0	100,0
Total	182	100,0	100,0	

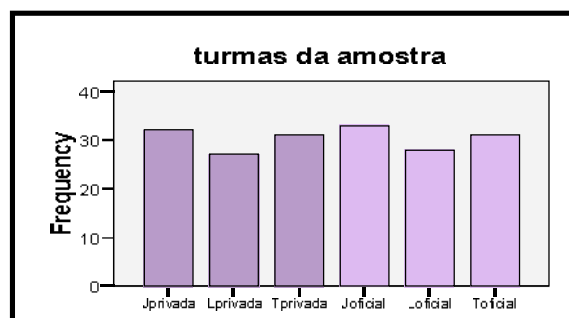


Fig. 4 – Número de alunos e professores inquiridos em cada turma e em cada escola

Observada a amostra e algumas das suas características, importará conhecer alguns dos ‘objectivos da investigação’, as linhas gerais da ‘metodologia’ aplicada e uma pequena amostra dos dados recolhidos.

2.1. Objectivos

Entre os diferentes objectivos que norteiam o estudo em causa, seleccionámos três por entendermos serem consonantes com aquilo que apresentamos. São eles:

Traçar as dinâmicas decorrentes do processo de implementação da Área de Projecto no Currículo do segundo ciclo do Ensino Básico;

Validar os contributos que a Área de Projecto traz ao desenvolvimento do currículo do segundo ciclo do Ensino Básico;

Desenhar estratégias/medidas que, tendo por base a análise dos resultados, possam potenciar a qualidade das aprendizagens.

2.2. Metodologia

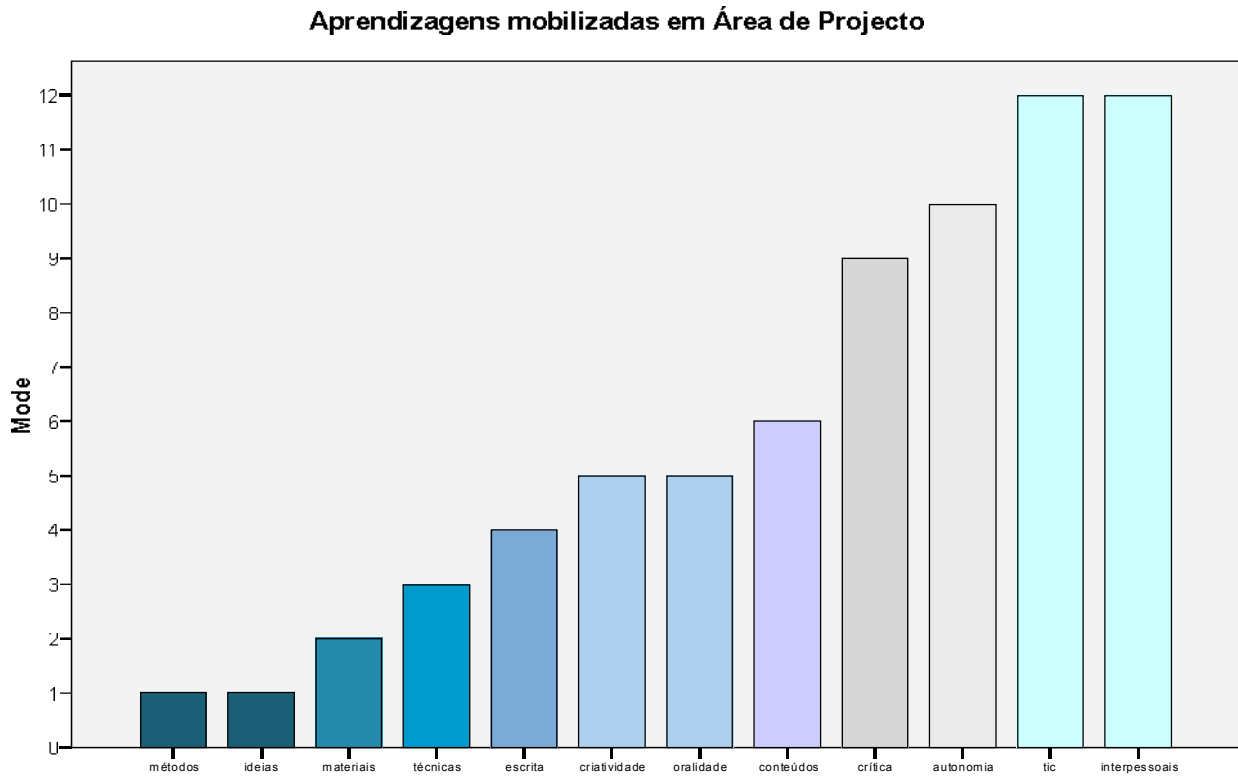
Está a ser mobilizada uma metodologia de investigação mista, associando a uma metodologia de cariz qualitativo e interpretativo uma metodologia quantitativa., traduzida na realização de seis Estudos de Caso, particularizados em dois contextos diferentes, designadamente em duas Escolas do Ensino Básico, incidindo em seis turmas no total. Esta investigação terá como suporte uma pesquisa documental e a utilização de inquéritos por questionário.

Tendo em conta pretendermos recolher um número significativo de evidências, considera-se de elevada pertinência a elaboração de instrumentos fiáveis para a recolha de dados necessários para a sustentação de uma análise fundamentada. Neste sentido, destacam-se dois tipos de instrumentos, a elaborar e a aplicar: uma grelha para análise de conteúdos e um inquérito por questionário.

2.3. Resultados

Quando realizamos uma investigação acreditamos que a análise e interpretação dos resultados alcançados tragam à praça pública possíveis constrangimentos/ potencialidades e esperamos que isso implique alguns benefícios no processo/sistema. O que se pretende, então, com um estudo sobre a **Área de Projecto**? Caracterizada como uma área interdisciplinar, não dispendo de um programa próprio, nela se cruzam saberes, valores e atitudes. Será uma área de eleição para servir de suporte, complemento e reforço das competências consideradas essenciais a trabalhar para o projecto curricular da turma?

Configura-se-nos interessante, embora ainda numa análise muito superficial e globalizante, observarmos este gráfico uma vez que nos permite percepcionar quais as aprendizagens que o público inquirido considera terem sido mais relevantes nesta Área. Para tal foi-lhes solicitado que hierarquizassem as hipóteses formuladas, neste caso em número de doze. Fig. 5 – Respostas



(hierarquizadas) dadas por todos os inquiridos

A resposta encontrada desafia-nos, a uma reflexão muito profunda, que exige desde já questionar-nos sobre quais as aprendizagens que consideramos serem por excelência as prioritárias a realizar nesta Área. Mais, será que existem áreas/aprendizagens prioritárias nesta Área, e existindo, têm ou deverão ter todas a mesma expressão em cada escola/turma?

Surgem ainda outras questões que se constituem como problema de investigação, designadamente: Será um espaço consagrado no currículo para o desenvolvimento de projectos de natureza interdisciplinar que ajudem a implementar o Projecto Educativo e a operacionalizar os Projectos Curricular de Escola e Curricular de Turma? Facilita a articulação de conteúdos e tem como metodologia a privilegiar a do trabalho de Projecto? Estas são algumas das questões para as quais procuramos resposta.

Embora estejamos ainda no processo de análise dos dados recolhidos, considerámos ainda ser relevante dar a conhecer por exemplo, quais as disciplinas que todos reconheceram estar mais implicadas no trabalho desenvolvido em **Área de Projecto**:

Disciplinas implicadas nas Tarefas/Actividades/ Projectos desenvolvidos

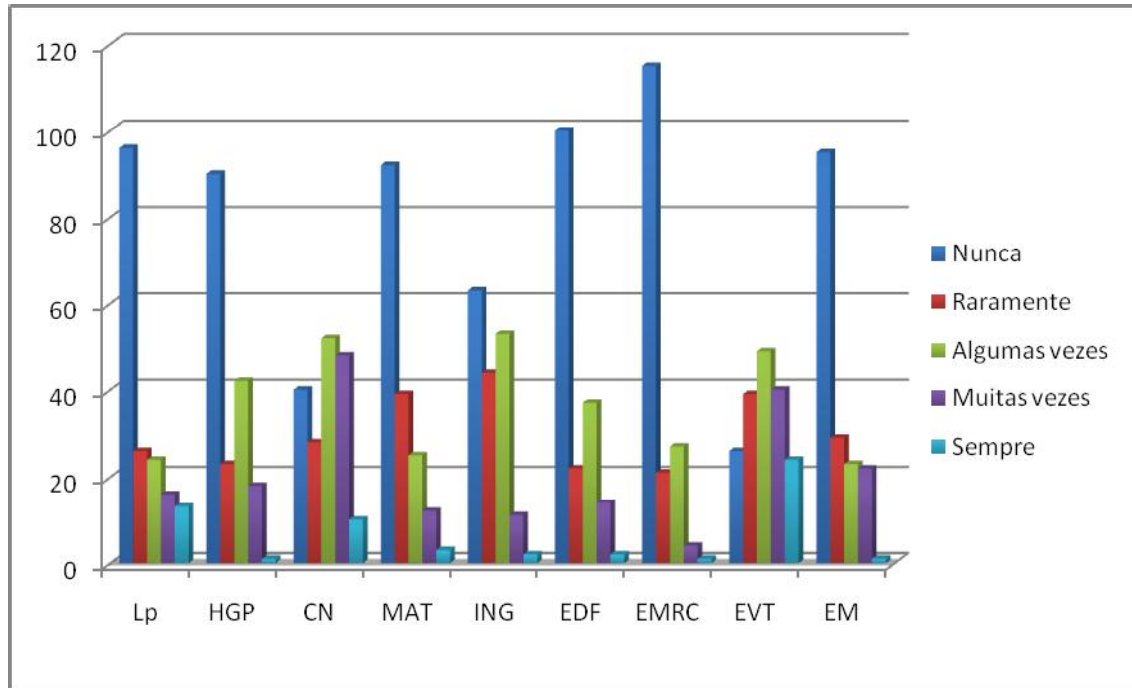


fig. 6 – Respostas dadas por todos os inquiridos

Os resultados alcançados configuram-se também como uma boa base de trabalho/ análise/reflexão, pois transportam consigo alguns indicadores no mínimo “curiosos”.

Para além dos resultados já apresentados, ressaltamos o nível de importância que os inquiridos dão à **Área de Projecto** no Currículo do Ensino Básico, uma vez que numa escala de um a cinco sendo um correspondente a pouca importância e cinco a muita importância se obteve o seguinte resultado que espelha a nosso ver de uma forma clara e inequívoca a importância atribuída à Área de Projecto no desenvolvimento das competências de final de ciclo:

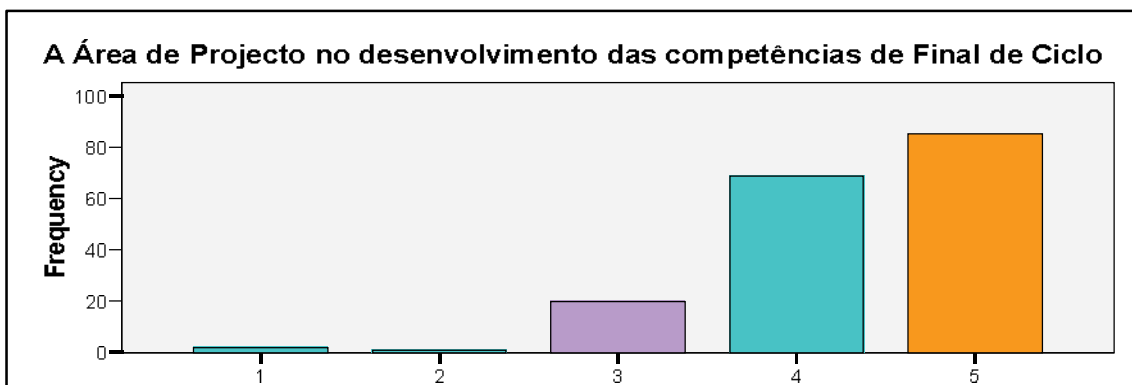


Fig. 7- Respostas de todos os inquiridos

3. Conclusões

Sempre que nos reportamos a práticas e ao processo ensino - aprendizagem, encontramos muitas vezes um entrave à inovação e à mudança por parte daqueles que as ministram, ou seja a classe docente. Uma das respostas possíveis passa pela formação de professores, mas professores aos quais sejam dadas reais condições de trabalho e de tempo, quer ele seja para investir na sua formação ou para preparar o seu trabalho. Sim, porque uma prática reflexiva e empenhada, onde a diferenciação pedagógica e a flexibilização curricular tenham lugar privilegiado, pressupõe muito tempo e muito trabalho.

Paulo Abrantes não se enganou quando proferiu estas palavras num dos múltiplos encontros que se realizaram aquando da implementação do Projecto de Gestão Flexível do Currículo:

Paulo Abrantes, em 2001, sublinhou que a escola, dada a sua natureza complexa, teria dificuldade em lidar com a multiplicidade de problemas proveniente de uma escola para todos. Alertou ainda para o facto da Gestão Flexível do Currículo não se criar por decreto¹³, seria algo que levaríamos, todos, muitos anos a aprender e que iria requerer sem dúvida muito apoio, formação, acompanhamento e avaliação do que se iria fazer nas escolas...

Na realidade, parece-nos que a **Área de Projecto** impulsiona a flexibilidade curricular e contribui para a diversificar alguns segmentos do plano de estudos conferindo-lhe um índice de melhor operacionalização. No entanto, para que sejam evidentes e visíveis os resultados é imperioso que haja uma efectiva mudança das práticas. Reforçamos a ideia da promoção /valorização da aprendizagem não formal na formação global do aluno, quer seja uma criança ou um adulto. Vivemos numa “aldeia global” em constante mutação e com desafios complexos e diversificados. Portanto, a escola deverá criar condições que permitam, aos alunos vivenciar uma aprendizagem não dirigida, com autonomia e significativa que o implique directamente, de modo a que vá conquistando a atitude da aprendizagem ao longo da vida. Acreditamos que a **Área de Projecto**, transversal aos diferentes níveis de escolaridade, poderá tornar-se numa via excelente para criar condições que predisponham ao desenvolvimento da referida a atitude.

Terminamos citando Saint-Exupéry:

“...ainda que os teus passos pareçam inúteis, vai abrindo caminhos, como a água que desce cantando da montanha. Outros te seguirão...”

Notas

1- Na sequência do processo de reflexão participada sobre os currículos do ensino básico, debate alargado que mobilizou as escolas no decurso do ano lectivo de 1996-1997, o Departamento da Educação Básica iniciou, no ano lectivo de 1997-1998, o projecto de gestão

flexível do currículo, regulamentado pelo despacho n.º 4848/97 (2.ª série), de 30 de Julho, e enquadrado no âmbito do regime da autonomia, administração e gestão das escolas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 115- A/98, de 4 de Maio.

2- Decreto-Lei n.º 6/2001 de 18 de Janeiro (Publicado no DR, 1ª Série, nº15 de 18 de Janeiro de 2001 e Decreto-Lei n.º 209/2002 de 17 de Outubro (Publicado no DR, 1ª Série A n.º 240 — 17 de Outubro de 2002.

3- A competência é um sistema de conhecimentos, declarativos, condicionais e processuais, organizados em esquemas operatórios que permitem, no interior de uma família de situações, não só a identificação de problemas, mas igualmente a sua resolução por uma acção eficaz. É um “saber em uso”.

4- Introdução da figura do par pedagógico.

5- Os conceitos de interdisciplinaridade e transversalidade transportam um carácter vertical e horizontal de forma a induzir a articulação entre disciplinas, anos de escolaridade e ciclos.

6-A Área de Projecto, Estudo Acompanhado e Formação Cívica.

7- Introduce-se a Geografia no 7º ano e as Ciências no 9º ano; introduz-se também uma área disciplinar denominada Educação Artística e Tecnológica etc.

8- A introdução de blocos de noventa minutos e meios blocos de 45 minutos

9- Referimo-nos a competências gerais, transversais e essenciais.

10- Materiais, físicos e humanos.

11 -Juntamente com a avaliação formativa, ressurgiu a avaliação sumativa externa, ou os exames nacionais, e é criada a avaliação aferida. Assim, os exames nacionais começam em 1993/94, no ensino secundário, e em 2004/05 no ensino básico (9º ano); as provas globais (da responsabilidade das escolas) são aplicadas a partir de 1994/95 e a avaliação aferida é generalizada em 1999/2000.

12- *As escolas, no desenvolvimento do seu projecto educativo devem proporcionar aos alunos actividades de enriquecimento do currículo, de carácter facultativo e de natureza eminentemente lúdica e cultural, incidindo, nomeadamente, nos domínios desportivo, artístico, científico e tecnológico, de ligação da escola com o meio, de solidariedade e voluntariado e da dimensão europeia na educação* (art. 9, Decreto lei nº 6/2001).

13- A *inovação por decreto*, conforme já foi tantas vezes demonstrada, não é, claramente a melhor forma para conseguir a mudança, dado que os actores implicados e a implicar encontram, sempre caso o pretendem, diversificadas formas de *infidelidade normativa* (Lima, 2001)

Referências bibliográficas

Abrantes, Paulo (2001). *Reorganização Curricular. Ensino Básico. Princípios, medidas e implicações*. Lisboa: Ministério da Educação: Departamento de Educação Básica.

Abrantes, Paulo (coord.)(2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*. Lisboa. Departamento de Educação Básica.

Apple, M. (1997). *Os Professores e o Currículo: Abordagens Sociológicas*. Lisboa: Educa

Bobbit, John Franklin. (2004) *O Currículo*. Lisboa: Didáctica Editora

Boutinet, J-P. (1990), *Antropologia do Projecto*, Lisboa, Instituto Piaget

Gaspar, M. Roldão, M, C (2007). *Elementos do Desenvolvimento Curricular*,
Universidade Aberta, Lisboa

Lima, L.(2001). *A escola como organização educativa*. São Paulo: Cortez

Ribeiro, A. C. (1990). *Desenvolvimento Curricular*. Lisboa: Texto Editora